

Não percebo!

Texto RUI ALBERTO ruisdb@edisal.salesianos.pt



Algumas dessas opções silenciosas merecem ser discutidas.

O ano de catequese está a chegar ao fim. Como catequistas bem formados começamos a pensar na avaliação. Verificar o que correu bem, o que correu mal, o que poderíamos ter feito melhor. Perguntamo-nos o que há a modificar para fazermos uma catequese melhor. São sinais evidentes da seriedade que damos ao nosso serviço como catequistas.

Mas neste dossier queremos ir um pouco mais longe do que as habituais sugestões e técnicas de avaliação. Queremos pensar sobre aquilo que damos por descontado quando fazemos avaliação em catequese.

Proponho uma comparação. Imagina que estás numa sala. Há vários objectos. O que vês? Avaliar a catequese que fazemos é como verificar se as cadeiras que estão na sala são de qualidade, se a sala está limpa, se a luz é adequada...

Mas raramente olhamos para as paredes da sala. Raramente pensamos porque é que há só quatro paredes. Nem porque é que são do tamanho que são. Simplesmente, aceitamos que a sala é esta e não há nada a fazer.

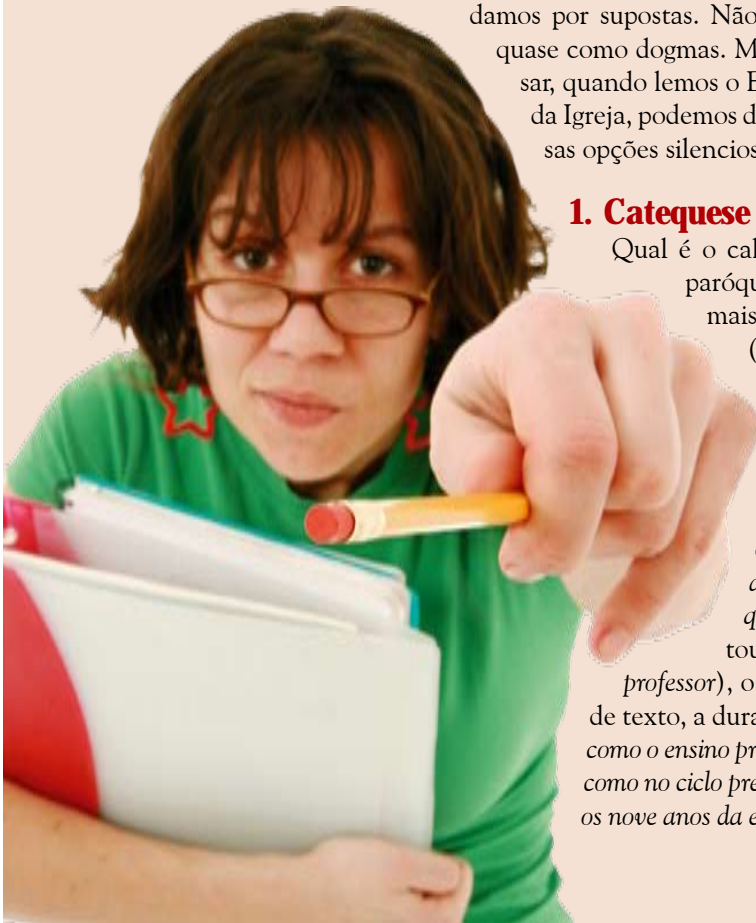
Mas a verdade é que o universo não acaba com as paredes da sala onde estamos.

Deixando as comparações, regressamos à catequese. Na catequese que fazemos e que queremos avaliar há muitas opções que damos por supostas. Não as discutimos. Aceitamo-las quase como dogmas. Mas quando paramos para pensar, quando lemos o Evangelho e a melhor tradição da Igreja, podemos dar-nos conta que algumas dessas opções silenciosas merecem ser discutidas.

1. Catequese colada à escola

Qual é o calendário da catequese na tua paróquia? Porque é que nos tempos mais intensos da experiência cristã (Natal, Páscoa) a maioria das catequese está de “férias”?

A catequese é uma experiência de educação na fé. E, muitas décadas atrás, a catequese foi buscar a sua inspiração educativa à escola (*que era a única experiência educativa de que as pessoas dispunham*). Imitou-se o estilo (*o catequista como professor*), o calendário, o uso de um livro de texto, a duração da catequese (*quatro anos como o ensino primário até aos anos 60; seis anos como no ciclo preparatório; dez anos agora, como os nove anos da escolaridade obrigatória mais um*



para completar a fase).

E as teorias que andavam em moda na escola também entram na catequese. Há anos discutia-se (na escola e na catequese) o papel da memorização: se não se decora a tabuada, também não decoramos o Credo. A escola perdeu disciplina e a catequese foi atrás. Como a passagem de ano na escola foi muito facilitada (*perguntem a um professor do 1º ciclo a trabalhadora que é reter um aluno!*) também se desleixou a avaliação pessoal na catequese: qualquer criança (*com os pais atrás, aos berros*) tem “direito” à festa da 1ª comunhão. Mesmo que falte muito à catequese. Mesmo que não ponha nunca os pés na missa.

A escola é, tradicionalmente, para os mais novos. Por isso a catequese é para as crianças. Claro que já vai havendo catequese de adultos. Mas ainda é vista como exceção para gente muito motivada ou gente que, quando criança, não aproveitou. Qual a idade em que se começa a catequese na maioria das paróquias? A mesma com que se vai para a escola. Porquê? Porque não antes? Ou depois?

Ao levantar estas dúvidas não estou a julgar as nossas práticas correntes. Só estou a convidar a dar-mo-nos conta que muitas das opções que fazemos em catequese são feitas não a partir de uma lógica evangélica, eclesial mas antes a partir de uma instituição externa à Igreja e à catequese como a escola.

2. Uma adolescência marciana

Convido-vos a pegar nos catecismos da adolescência e a perceber para que adolescentes “falam” aqueles catecismos. Deve ser para adolescentes de outro planeta porque, de certeza, que não estão a lidar com os nossos.

Investigações dos últimos 20 anos feitas em vários países ocidentais mostram que um dos factores mais decisivos para a identidade religiosa dos adolescentes e jovens é a vivência religiosa da família (mormente das figuras femininas). Já repararam que as famílias nun-



Vamos fazendo catequese dentro destas quatro paredes que nos dizem que nada disso importa.



ca são envolvidas? Que as catequese se sucedem como se aqueles adolescentes não tivessem famílias?

O espaço onde os adolescentes gastam mais tempo (*e que, muitas vezes, é o tempo de maior qualidade*) é a escola. Com as relações com os colegas. Com os professores. Com todas as contradições que atravessam o nosso sistema de ensino. Com o *stress* antes dos testes. Com maior ou menor violência nas escolas. Continuo a folhear os catecismos da adolescência e de relações com a escola nada encontro. Nem como experiência humana de arranque para a catequese. Nem como lugar onde exprimir a fé. Nem sequer como lugar onde há aulas de ERMC.

Família, escola... são apenas duas realidades decisivas para a vida dos nossos adolescentes. Mas poderíamos acrescentar o universo mediático (televisões, internet, redes sociais...), a enorme pressão sexual que a sociedade lhes impõe, a cultura do consumo e da aparência.

Inconscientes e irresponsáveis, vamos fazendo catequese dentro destas quatro paredes que (de propósito?) nos dizem que nada disso importa. E depois, quando os resultados da catequese de adolescentes são fracós, lamentamo-nos dos tempos que correm.

3. Crisma que já não é sacramento

A história do sacramento do crisma é algo atribulada. Nos últimos 20 anos voltou, em Portugal, a ganhar uma certa importância pastoral. E muito por mérito do “empurrão” que a catequese lhe deu. Vai-se

impondo a prática que, no final da caminhada catequética, deve haver a celebração deste sacramento. O que significa que todos os anos deve haver crisma. E se não é possível na nossa paróquia, os nossos adolescentes juntam-se com os de outra paróquia. É uma situação muito mais rica do que há anos em que só havia crismas para aproveitar a visita do bispo à paróquia.

Mas no meio de tudo isto, há na cabeça de muitos catequistas algumas confusões na forma de entender este sacramento. É que o crisma é um sacramento. Exteriormente nós observamos uns gestos (*o bispo que unge com óleo*); mas o mais importante é o que não se vê! Deus que actua com a sua graça. É que algumas formas de apresentar este sacramento transformam-no numa espécie de profissão de fé, em que a pessoa, finalmente, se decide a assumir um compromisso. É evidente que a catequese deve levar a um compromisso sério com a causa de Jesus Cristo vivida em Igreja. Mas o crisma não pode ser reduzido a um rito social em que o jovem (ou o adulto) faz o seu

compromisso. Aliás, a preferência por usar o termo “confirmação” (em vez de crisma) aparece muito associado a essa ideia (“*Quando era pequeno os meus pais baptizaram-me, mas agora sou eu que confirmo essa decisão*”).

Convinha recordar que toda a vida cristã, e especialmente nos sacramentos, é um diálogo entre Deus que toma a iniciativa, que Se dá, e nós, pessoas humanas, que aceitamos em liberdade o seu dom, a sua graça.

Um entendimento e uma vivência do crisma que tira Deus de cena (ou que O remete para os bastidores) não faz muito sentido.

4. É preciso ter calma...

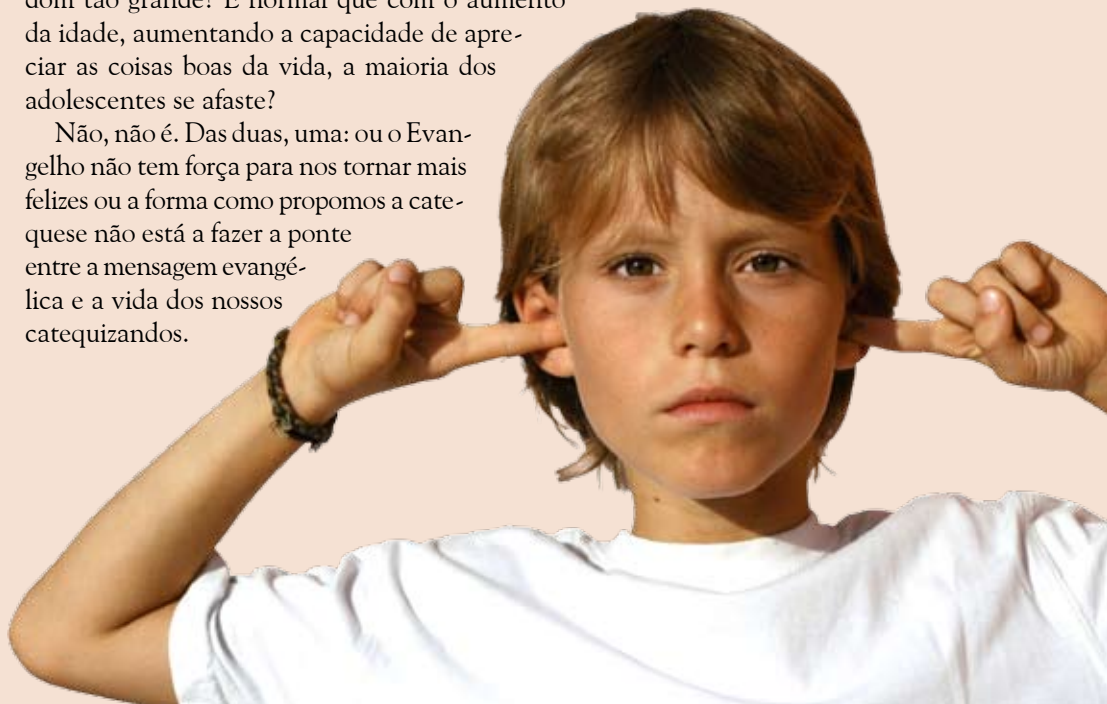
Com honrosas exceções a maioria das paróquias dá-se conta que há um problema sério de abandonos na catequese. Nos primeiros dois ou três anos o número de crianças assíduas é mais ou menos constante; mas depois da 1ª comunhão há muitos abandonos. E muitos dos que fazem a 1ª comunhão não adquirem o hábito de participar semanalmente na Eucaristia.

No final do 1º e do 2º ciclo de escolaridade há também muitos abandonos. E ao longo da catequese da adolescência os números vão descendo continuamente.

E os catequistas, os párocos, os responsáveis diocesanos, nós que escrevemos nesta revista, vamos aceitando isso como “natural”, como “inevitável”. Mas... vamos lá parar para pensar! É normal que com tanto empenho para ser iniciado à Eucaristia não se aproveite desse dom tão grande? É normal que com o aumento da idade, aumentando a capacidade de apreciar as coisas boas da vida, a maioria dos adolescentes se afaste?

Não, não é. Das duas, uma: ou o Evangelho não tem força para nos tornar mais felizes ou a forma como propomos a catequese não está a fazer a ponte entre a mensagem evangélica e a vida dos nossos catequizandos.

O crisma não pode ser reduzido a um rito social...



Não percebo!

Do meio de uma casa em chamas, um dos moradores perguntava que tempo fazia cá fora.

Trabalhar num regime de “livro único”...

Imagino que todos os que estão a ler este dossier têm alguma fé, já experimentaram de algum modo que só o Evangelho pode dar sentido à vida. E por isso a primeira hipótese fica de fora. Sobra a segunda: há um problema na catequese.

Mas, então, o que surpreende é que nada se faça. Que se leve dez anos a editar novas versões de uns catecismos, cuja estrutura foi pensada nos anos 80. Antes da queda do muro de Berlim. Antes de haver televisões privadas em Portugal. Antes dos telemóveis. Antes da TV por cabo. Antes da internet.

Não consigo perceber como é que nos resignamos a ver afastarem-se tantas crianças e jovens sem nos avaliarmos seriamente. Isto faz-me lembrar um conto de Brecht (*A casa queimada*), em que, do meio de uma casa em chamas, um dos moradores perguntava que tempo fazia cá fora.

Sem dramatismos, fica-se com a sensação que aceitamos com naturalidade uma grande ineficiência da catequese. E isto é mau porque nos impede de crescer, de procurar soluções de maior qualidade.

5. Novos catecismos? É p'ra amanhã...

Quando se fala nisto dos novos catecismos, muitos catequistas já se riem. E muitos citam a canção de António Variações: “É p'ra amanhã/ É p'ra amanhã/ Bem podias fazer hoje/ Porque amanhã sei que voltas a adiar/ E tu bem sabes como o tempo foge/ Mas nada fazes para o agarrar...”

Para lá do debate sobre a real qualidade dos ditos catecismos, estamos resignados a trabalhar com materiais que nunca mais acabam de estar prontos. A trabalhar num regime de “livro único”, como no tempo do Estado Novo ou dos regimes comunistas.

Continuamos a confundir catecismos (que são instrumentos do magistério dos bispos) com materiais catequéticos.

Continuamos com catecismos (= materiais catequéticos) mas não sabemos a que programa obedecem. Onde não há uma articulação cuidada de objectivos e conteúdos.

6. Elas sem eles

Convido a fazer um exercício. Pensa no grupo de 1º ano da tua paróquia. Quantos rapazes há? E quantas raparigas? Normalmente, nos primeiros anos de catequese a percentagem de rapazes e de raparigas é semelhante. Agora faz o mesmo exercício com o grupo do 10º ano. Claro que há excepções mas muitas paróquias apontam para 80% de raparigas e apenas 20% de rapazes.

E nós achamos isto natural. Nem se discute. É um facto que em Portugal (e em boa parte do Ocidente) as mulheres têm uma resposta mais positiva que os homens às propostas religiosas. Mas, numa lógica de Evangelho, isso é aceitável? Jesus, na sua prática e no seu ensino, opunha-se a tudo o que discriminasse as pessoas na sua relação com Deus. Ou será que os homens são “deficientes da fé”, são



Uma catequese que sistematicamente deixa de fora uma parte da população...

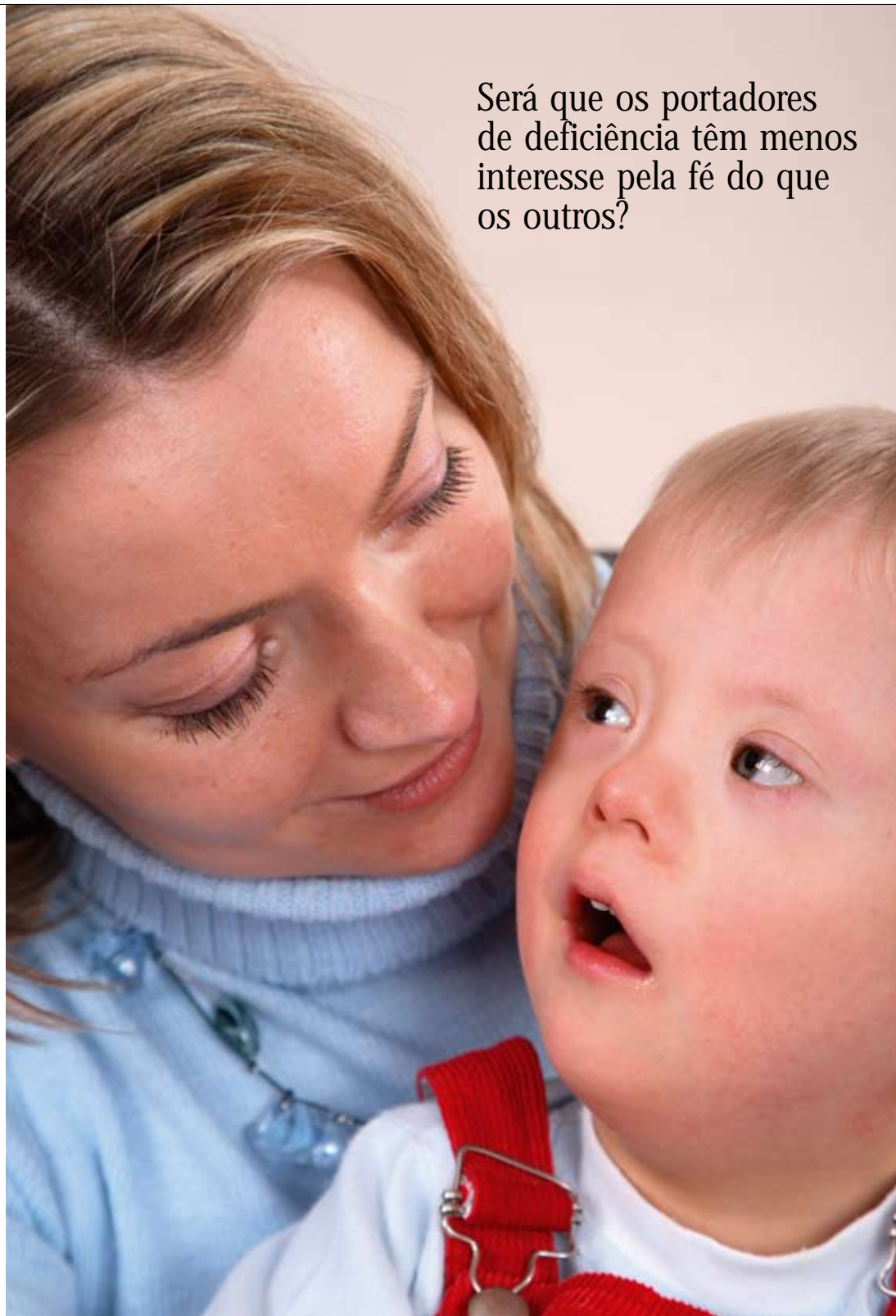
menos capazes de viver a fé? Esta hipótese é ridícula. Se calhar a catequese que temos vindo a fazer é que contribui para a exclusão dos rapazes.

Não faço ideia de como poderemos superar esta dificuldade. Mas já é importante dar-mo-nos conta que à luz do Evangelho, uma catequese que sistematicamente deixa de fora uma parte da população, se trai a si mesma.

7. Onde estão os deficientes e os imigrantes?

Na mesma linha da observação anterior, também nos podemos dar conta que a catequese está a excluir alguns grupos sociais. Precisamente aqueles que são socialmente mais débeis. Segundo o censo 2001, 6,1% da população portuguesa é portadora de algum tipo de deficiência (auditiva: 0,8%; visual: 1,6%; motora: 1,5%; mental: 0,7%; paralisia cerebral: 0,1%; outra: 1,4%). Isso significa que em cada grupo de 17 crianças era “normal” que houvesse um portador de deficiência. Acontece isso? Não. Será que os portadores de deficiência têm menos interesse pela fé do que os outros? Não. Ou não será que a maneira como as nossas catequese estão organizadas provoca já essa exclusão? Não será que os pais, sabendo da nossa incapacidade-desinteresse pelos portadores de deficiência já nem perde tempo a inscrever os filhos?

Será que os portadores de deficiência têm menos interesse pela fé do que os outros?



Se calhar, interiormente estamos a fazer “contas”: “são só 6%... deixa estar... vamos antes trabalhar com a maioria...” Uma catequese que pensa assim não vai longe. Porque não é fiel ao seu Senhor, que deixou 99 ovelhas para ir à procura de uma extraviada.

De qualquer forma essa sensação de ser “normal” ignorar a presença dos deficientes e/ou dos imigrantes é reforçada pelos catecismos. Quando eles não dão indicações sobre como agir, sobre como adaptar as catequese... estão a dizer que é “normal” que imigrantes, deficientes e outros grupos sociais frágeis sejam excluídos.

E agora?

O objectivo deste dossier não é fazer um balanço exaustivo da catequese que temos em Portugal. É apenas um convite a detectar situações de fundo em que habitualmente não pensamos. E porque não as pensamos, não as tentamos transformar.

Ao tomarmos consciência de que algumas opções da catequese podem e devem ser discutidas estamos a ser mais fiéis à mensagem que o Senhor Jesus nos deixou. E a ser mais fiéis à condição dos nossos destinatários.

A leitura deste dossier não deve levar a um apontar de dedos, à procura dos “culpados”. Que, normalmente, serão sempre os “outros”. Mas quando tomamos consciência que algumas coisas não estão bem (à luz da norma proposta pelo Evangelho), todos e cada um de nós se sente impelido a fazer diferente. A procurar caminhos de renovação e de melhoria. ◀

